



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**LAÍS SIMON**

**EDUCAÇÃO SEXUAL: CONHECIMENTO E CONDUTAS DE FAMÍLIAS DE  
ESTUDANTES/ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA  
ESTADUAL DE ZONA RURAL**

**Arabutã**

**2016**

**LAÍS SIMON**

**EDUCAÇÃO SEXUAL: CONHECIMENTO E CONDUTAS DE FAMÍLIAS DE  
ESTUDANTES/ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA  
ESTADUAL DE ZONA RURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito final à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora Profa. Dra. Olga Regina Zigelli Garcia

**Arabutã**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Simon, Laís

Educação Sexual: Conhecimento e condutas de famílias de estudantes/adolescentes do ensino médio de uma escola estadual de zona rural / Laís Simon ; orientadora, Olga Regina Zigelli Garcia - Florianópolis, SC, 2016.  
39 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Filosofia e Ciências Humanas. 3. Adolescência. 4. Educação Sexual. 5. Família. I. Garcia, Olga Regina Zigelli. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

LAÍS SIMON

**EDUCAÇÃO SEXUAL: CONHECIMENTO E CONDUTAS DE FAMÍLIAS DE  
ESTUDANTES/ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA  
ESTADUAL DE ZONA RURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 09 de dezembro de 2016.

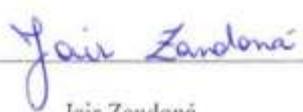
Coordenação do Curso:



---

Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



---

Jair Zandoná



---

Cláudia Cristine Moro

*Dedico este trabalho, com toda minha gratidão, a todos aqueles que perto ou distante, conhecedores deste trabalho ou não, que amam e lutam por um mundo mais humano repleto de verdades e amor ao próximo.*

## AGRADECIMENTOS

A minha família que me apoia sempre, sendo meu exemplo de bondade e vida.

A todas as pessoas, conhecidas ou não, que de alguma forma criaram em mim uma curiosidade enorme na luta pelo respeito e a busca pela bondade e amor ao próximo.

A minha orientadora Olga que em nenhum momento me desamparou.

A todas e todos que acreditam em um mundo melhor.

Agradeço o financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradeço, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vêm sendo extinta e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*A diferença de sermos iguais está na diversidade de sermos individuais e únicos.*

*Juahrez Alves*

## RESUMO

Trata-se de um estudo qualitativo que teve por objetivo identificar quais os conhecimentos e condutas adotadas pelas famílias de estudantes do ensino médio relativas à educação sexual. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas de agosto a setembro de 2016 com famílias de 20 adolescentes, do ensino médio de uma escola estadual de uma zona rural. A análise dos dados foi realizada de acordo com a proposta do Discurso do Sujeito Coletivo. Conclui-se que há um abismo entre o que se entende por educação sexual e as (raras) informações sobre sexualidade no contexto familiar e que na família a interlocutora para assuntos de sexo/sexualidade é a mulher que, quando aborda a temática, tem dificuldade em desvencilhar-se de sua história pessoal e das crenças, mitos e tabus que recebeu em sua educação. Sentindo-se despreparadas para fazer educação sexual, as mães gostariam de contar com ajuda da escola e profissionais da saúde para educação sexual de suas/eus filhos/as adolescentes. O estudo aponta para a necessidade de capacitação da família para educação sexual, dos profissionais da saúde e principalmente da escola se empoderarem e se capacitarem para desenvolver este conteúdo de forma transversal e sistemática, reconhecendo o importante papel da família nos primeiros ensinamentos sobre sexo e sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE: ADOLESCÊNCIA. EDUCAÇÃO SEXUAL. FAMÍLIA.**

## ABSTRACT

This is a qualitative study that aimed to identify the knowledge and behaviors adopted by families of high school students related to sex education. The data were collected through semi-structured interviews conducted from August to September 2016 with families of 20 teenagers, from high school of a state school in a rural area. Data analysis was performed according to the Collective Subject Discourse. It is concluded that there is an abyss between what is meant by sex education and the (rare) information about sexuality in the family context, where usually the interlocutor's family for sex / sexuality issues is the woman that, when she approaches the subject, has difficulty In getting off of their personal history and the beliefs, myths and taboos they received in their education. Feeling unprepared to talk about sex, mothers would love to get help from school and health professionals for sex education of their teenagers' siblings. The study points to the need to enable the family for sex education as well health professionals and especially the school to empower themselves and to be able to develop this content in a transversal and systematic way, recognizing the important role of the family in the first teachings on sex and sexuality.

**KEYWORDS: TEENAGERS, SEXUAL EDUCATION, FAMILY.**

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

EEBMP – Escola de Educação Básica Marcolino Pedroso

EC – Expressão Chave

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

IC – Ideia Central

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>111</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>133</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>166</b>
3.1.	Tipo de Pesquisa.....	166
3.2	– População Alvo .....	166
3.2.1	– Cenário do estudo .....	166
3.3	- Coleta de dados .....	177
3.4	- Tratamento dos dados .....	188
3.5	Aspectos Éticos .....	188
<b>4</b>	<b>CRONOGRAMA DE PESQUISA .....</b>	<b>199</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>2020</b>
5.1	Conhecimento das mulheres mães sobre educação sexual/sexualidade.....	20
5.2	Contexto familiar da educação sexual.....	255
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>311</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>333</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO</b>	
	<b>366</b>	
	<b>APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....</b>	<b>377</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência é a passagem da infância para a vida adulta. Caracteriza-se por transformações físicas, emocionais e sociais que, na maioria das vezes, se constituem em desafio. Um dos grandes desafios desta etapa do desenvolvimento humano é a iniciação sexual, que nos dias atuais, tende a ser cada vez mais precoce. (SOUZA; FERNANDES; BARROSO; 2006).

Ainda que ocorram mudanças biológicas neste período, pode-se dizer que a adolescência é um conceito social, que se modifica de uma cultura para outra. Nesta fase tende a ocorrer uma busca frenética pela identidade e o despertar do erotismo, gerando conflitos internos e externos que influenciam decisões e deixam as/os adolescentes vulneráveis a pressões. Sendo assim podem ser facilmente influenciadas/os pelo grupo social mesmo que tenham dificuldade em identificar suas percepções e sentimentos em relação à sexualidade, sem ter um conceito formado sobre esta temática. (FREITAS ET AL, 2004; ALMEIDA; CENTA, 2008; FREITAS; DIAS, 2010).

Partindo do pressuposto de que a escola tem um papel fundamental para que a/o adolescente tenha acesso a informações sobre sexualidade, usando como instrumento a educação sexual (educação sexual formal), pretendo neste estudo, deter-me na educação sexual informal, ou seja, no contexto familiar.

O uso do termo genérico “pais” esconde a condição de sexo-gênero da participação familiar, por isso, ao longo do presente estudo será utilizado o termo “mães” por refletir melhor a realidade, tendo em vista que foram efetivamente as mulheres que apareceram como protagonistas da educação sexual no contexto familiar da presente pesquisa.

Muitas mães embora busquem educar seus filhos para uma vida em geral, não se sentem preparadas para dialogar com elas/es sobre a sexualidade ou tendem a considerar que conversar sobre esse tema estimula o início precoce da atividade sexual. Por outro lado, Dias e Gomes (2000) acrescentam que muitas/os filhas/os temem que suas mães não aprovem o assunto, o que leva à ausência de educação sexual no contexto familiar. Ressalto aqui a afirmação de Fonseca (2004) de que a educação sexual é prioritariamente uma competência da família, pois é peça chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de suas/eus filhas/os. A família, mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de

gestos, expressões, recomendações e proibições, reproduzindo seus valores com base no que aprenderam/vivenciaram em termos de sexualidade.

Estando em uma fase da vida na qual, segundo vários estudos, é esperado o despertar da sexualidade e não tendo com quem conversar a respeito no contexto familiar, muitas vezes a/o adolescente busca tirar suas dúvidas com outras/os adolescentes também imaturas/os e desinformadas/os ou através, nas redes sociais, revistas e outros meios de informação, o que acaba contribuindo para a prática sexual insegura. (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Sou professora formada em Pedagogia, porém neste corrente ano trabalho como Professora Orientadora de Laboratório de Informática. Em minha experiência como professora de ensino médio, no qual trabalho diretamente com adolescentes, tenho observado que é alto o nível de desinformação destas/es sobre as questões que envolvem sexo e sexualidade. Observo também que as famílias tendem a deixar para a escola (quando aceitam que se discuta o tema na escola), a educação sexual, o que não impede a iniciação sexual precoce, mas contribui para uma prática sexual insegura e desinformada. Em conversas informais com alunos, percebo igualmente que o tema não é discutido em seu contexto familiar.

Tal cenário me levou a realizar a presente pesquisa que tem por objetivo: Identificar quais as condutas adotadas pelas famílias de adolescentes relativas à educação sexual no município de Arabutã-SC.

Acredito que esta pesquisa, ao desvelar o contexto familiar na educação sexual de adolescentes, pode auxiliar a escola a formar parceria com a família, atendendo ao estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) os quais, indicam que na Orientação Sexual, se deve levar em consideração a sexualidade como algo essencial à vida e ao bem-estar da pessoa, devendo a temática ser trabalhada pelos profissionais relacionando o direito ao prazer com a responsabilidade que é necessária. (BRASIL, 2000).

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A adolescência é a passagem da infância para a vida adulta. Caracteriza-se por transformações físicas, emocionais e sociais que, na maioria das vezes, se constituem em um desafio. (SOUZA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Este período do desenvolvimento humano traz consigo a puberdade, que é, no plano biológico, a maturação. Suas características são as modificações físicas e biológicas que essa fase provoca. É nela que o desejo sexual começa a se manifestar com mais intensidade. É quando os hormônios, antes quase que adormecidos, emergem e desencadeiam uma série de novos sentimentos e dúvidas. As mudanças mais comuns nesta fase são o crescimento acelerado, o aparecimento dos pelos pubianos, pelos nas axilas; para os meninos também mudanças na voz, barba além da primeira ejaculação. Para as meninas o crescimento dos seios, mudanças dos contornos do corpo além da menarca que é o nome dado a primeira menstruação. (FREITAS; MENDES; MELO; SANTOS, 2004).

Pautados na teoria de Jean Piaget estes autores afirmam que é nesta fase que se inicia a passagem do pensamento concreto para o abstrato, onde a memória pode apresentar aumento no nível de concentração e melhora da seleção de informações. Acrescentam ainda o pensamento de Vygotsky segundo o qual, nesta fase a fantasia ocuparia lugar primordial no pensamento compreendendo assim novas formas de atuação no contexto de sua vida, de forma mais consciente e deliberada.

Ainda que ocorram mudanças biológicas neste período, pode-se dizer que a adolescência é um também um conceito social. Neste entendimento, fica implícito de que o conceito de adolescência se modifica de uma cultura para outra. Pode ser entendida como um comportamento, na medida em que enquanto sujeitos culturais somos construídos pelo meio social que vivemos. Portanto, a adolescência não acontece de forma igual em todas as culturas. Dependendo da cultura, do momento histórico, ou mesmo das vivências de cada ser, ela pode chegar mais cedo ou mais tarde. No entanto, é consenso que nesta fase tende a ocorrer uma busca frenética pela identidade e o despertar do erotismo, gerando conflitos internos e externos que influenciam decisões e deixam as/os adolescentes vulneráveis a pressões salientando-se que as/os adolescentes tendem a ser facilmente influenciados pelo grupo social (FREITAS ET AL, 2004; ALMEIDA, CENTA, 2008; FREITAS E DIAS, 2010).

Entender o jovem dessa forma significa superar uma noção homogeneizante e naturalizada, passando a percebê-lo como sujeito com valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares. Além disso, deve-se também aceitar a existência de pontos em comum que permitam tratá-lo como uma categoria social. (BRASIL, 2013, p.155).

A partir deste entendimento, como citam Melo e Pocovi (2002), toda a sociedade ou grupo social são agências educadoras em um permanente processo educacional. Com esta visão, pode-se afirmar que a educação não se reduz à escolarização e em especial a educação sexual (formal ou informal), engloba uma dimensão sociopolítica e cultural.

Ximenes Neto et al (2007) afirmam que é no contexto da família, escola e comunidade que se define o comportamento do adolescente. Neste sentido, não há como negar a importância deste contexto para sua formação, uma vez que direta ou indiretamente, velada ou explicitamente o meio social propicia a educação sexual.

Mas o que vem a ser educação sexual?

Segundo Bretas ET AL (2007) educação sexual: é o processo educativo, formal e informal através do qual se busca ensinar e esclarecer questões relacionadas ao corpo e ao sexo. Por meio desta educação as/os adolescentes se nortearão em direção ao seu desenvolvimento sexual de forma mais saudável. Dessa forma, preencherão lacunas de informação, erradicando tabus, preconceitos, abrindo a discussão sobre as emoções e valores, com o objetivo de prepará-las/os para a vida sexual de forma segura e responsável.

Neste estudo, entende-se educação sexual informal como aquela feita de forma assistemática, recebida através da família, amigos, mídia e sociedade em geral, enquanto a educação sexual formal é aquela feita de forma sistemática, intencional, geralmente na escola.

Educação sexual é constituída pelo e nos processos culturais contínuos que, desde o nascimento, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos, ligados à manifestação de sua sexualidade. Essa educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com os amigos, pelos meios de comunicação etc. é a própria evolução da sociedade que determina os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a educação sexual do indivíduo. (FERRER, 1992, p.37).

Na educação sexual formal, segundo Dantas (2016) se busca esclarecer e ensinar a/os adolescentes as questões relacionadas a gênero, a sexo e a sexualidade, rompendo preconceitos e tabus, esclarecendo dúvidas sobre preservativos, doenças sexualmente transmissíveis, o sistema sexual masculino e o feminino, planejamento familiar, contracepção e gravidez, entre outros.

O objetivo principal da educação sexual é preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura, chamando-os à responsabilidade de cuidar de seu próprio

corpo para que não ocorram situações futuras indesejadas, como a contração de uma doença ou uma gravidez precoce e indesejada. Infelizmente o ser humano tende a acreditar que o perigo sempre está ao lado de outras pessoas e que nada irá acontecer com ele mesmo, o que o coloca vulnerável a tais situações. (DANTAS, 2016, online).

No Brasil, a educação sexual é reconhecida como importante tanto pelo governo federal como pelo estadual. Em nível estadual a Proposta Curricular de Santa Catarina 2014, cita os temas da Educação para as Relações de Gênero, a Educação para Diversidade Sexual e Educação e Prevenção, como formas de contribuir com a educação sexual. Cita ainda, que a mesma deve superar os padrões estereotipados das relações de gênero e o modelo familiar tradicional, requerendo para tanto o reconhecimento dos diversos arranjos familiares (GRAUPE E SOUZA, 2015)

Ao concluir esta breve incursão pela literatura, que será complementada na discussão dos resultados, ressalto aqui a afirmação de Fonseca (2004), de que a educação sexual é prioritariamente uma competência da família, pois é peça chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus/suas filhos/as. A família, mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem dá (intencionalmente ou não) as primeiras noções sobre o que é considerado adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições, reproduzindo seus valores com base no que aprenderam/vivenciaram em termos de sexualidade. Sendo assim é fundamental na construção da identidade sexual das crianças e adolescentes.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório-descritiva realizada no período de agosto a novembro de 2016, no município de Arabutã, Santa Catarina.

#### 3.2 População Alvo

A população alvo do estudo foi composta por um total de 20 pessoas, sendo 17 mães e 3 casais (pai, padrasto e mãe) de adolescentes alunos da 1ª à 3ª série do Ensino Médio da (EEBMP) Escola de Educação Básica Marcolino Pedroso, (escola estadual pública, de nível fundamental e médio) onde a pesquisadora atua como docente de ensino médio. A referida escola fica localizada em Nova Estrela, Arabutã, Santa Catarina e é considerada de pequeno porte, atendendo em sua maioria filhos/as de agricultores e agropecuaristas.

Comprometendo-se em atender o disposto nas constituições Federal e Estadual, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nas diretrizes da Secretaria Estadual de Educação e no Estatuto da Criança e do Adolescente, a E.E.B Marcolino Pedroso recebe alunos de 11 (onze) comunidades vizinhas, através do transporte escolar.

##### 3.2.1 Cenário do estudo

Segundo o Portal Arabutã (2016), colonizada por imigrantes vindos da Romênia, Arabutã foi colônia e depois distrito do Município de Concórdia, tendo se emancipado em 12 de dezembro de 1991, pela Lei 8.474.

Segundo os dados publicados no Censo/2010, a população total do município passa de 4.190 habitantes. A população do meio rural representa 73,22%, apresentando uma densidade demográfica de 32,61 hab/Km<sup>2</sup>

A maior absorção da mão-de-obra é verificada na agropecuária. No meio urbano são poucas as oportunidades de emprego, sendo as principais ocupações na indústria, nos serviços e no comércio.

Para a realização desta pesquisa, na tentativa de garantir uma homogeneidade da amostra tentou-se selecionar cinco mães ou responsáveis por adolescentes mulheres e cinco de adolescentes homens de cada uma das turmas citadas. Porém devido à distância, falta de aceitação de algumas famílias ou até mesmo falta de tempo por parte das mesmas, foram realizadas 20 entrevistas sendo: da 1ª série, duas (2) entrevistas de mães de adolescentes homens e três (3) de adolescentes mulheres. Da 2ª série sendo quatro (3), mães de adolescentes homens, uma (1) mãe e padrasto e adolescente homem e duas (2) mães de adolescentes mulher e uma (1) mãe e pai de adolescente mulher. Na 3ª série foram compreendidas cinco (5) entrevistas, duas (2) com mães e uma (1) com pai e mãe de adolescentes homens e três (3) com mãe de adolescentes mulheres.

### 3.3 - Coleta de dados

Muitas vezes foi difícil o contato com as famílias, muitas tentativas foram realizadas por telefone para marcar um horário para a entrevista, geralmente foram várias as tentativas, mas depois do contato a maioria das famílias aceitou responder ao questionário, sendo poucas as que se negaram. Houve episódios onde mesmo com o horário e dia marcados para a entrevista, ao chegar no local a mãe não estava em casa e o padrasto no momento preferiu por não responder a pesquisa e sugeriu que eu tenta-se novo contato com sua esposa. Outro episódios foi onde ao contato por diversas vezes, onde o pai em questão disse não ter tempo para falar no momento, e nas seguintes tentativas o mesmo, por fim disse que não teria o que responder a pesquisa pois não tem dialogo algum com a filha uma adolescente de 17 anos. O espaço de abrangência de adolescentes que frequentam a escola é grande, o que gerou dificuldade do contato e também no deslocamento até a casa das famílias.

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada realizada por meio de um roteiro-guia (Apêndice A) criado pela pesquisadora. O questionário, contendo 27 questões, foi respondido ao vivo, em local e horário que melhor coubesse aos entrevistados.

A coleta de dados foi realizada somente após explicação sobre a pesquisa e aceitação, por escrito, das/os participantes, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B).

Enquanto pesquisadora e coletadora de dados foi uma surpresa a recepção positiva que tive em muitas casas. Esperava talvez uma recepção menos calorosa. Em famílias onde os pais têm idade mais avançada, eu esperava respostas curtas e com poucos detalhes e até mesmo poucas informações e, ao contrário do esperado, percebi uma ótima aceitação. As

respostas foram mais detalhadas e essas famílias não tinham receio em citar realmente como ocorrem as orientações em casa e também demonstravam suas dúvidas sem medo de julgamento. Já nas famílias muitas vezes até de maior poder aquisitivo e com pais mais novos o que pude observar foi o desconforto ao responder as perguntas, sempre na tentativa de causar uma boa impressão.

A dificuldade das famílias em se expressar sobre o assunto e demonstrar seu conhecimento limitado ficou evidente, salientando-se que as mães apareceram como protagonistas da “educação” sexual de adolescentes, ficando clara em suas falas que os pais são quase que totalmente ausentes quando se trata deste tema, ou se percebem sem jeito, sem paciência e compreensão para tratar do assunto. Este achado será melhor aprofundado na discussão dos dados.

#### 3.4 - Tratamento dos dados

Após a coleta de dados foi realizada a análise temática de discurso, segundo a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Esta metodologia de pesquisa qualitativa tem por objetivo organizar e tabular os dados qualitativos extraindo-se as Ideias Centrais (IC) e suas correspondentes Expressões Chaves (EC). A partir das EC que possuem a mesma IC, compõe-se um ou vários Discursos-Síntese – DSC, na primeira pessoa do singular (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C, 2003).

#### 3.5 Aspectos Éticos

Todos os procedimentos seguirão a Resolução 466/2012 do CNS, que normatiza e regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos. Neste sentido foi garantido o anonimato e sigilo das informações prestadas, a ausência de riscos em participar da pesquisa e a possibilidade de desistência da mesma a qualquer tempo sem qualquer tipo de prejuízo para mães e/ou suas/seus filhas/os.

#### 4 CRONOGRAMA DE PESQUISA

<b>AÇÃO</b>	<b>Julho 2016</b>	<b>Agosto 2016</b>	<b>Setembro 2016</b>	<b>Outubro 2016</b>	<b>Novembro 2016</b>	<b>Dezembro 2016</b>
Elaboração do projeto de pesquisa	<b>X</b>					
Revisão de Literatura	<b>X</b>					
Elaboração do Instrumento de pesquisa	<b>X</b>					
Coleta de dados		<b>X</b>	<b>X</b>			
Análise dos Dados				<b>X</b>		
Elaboração das considerações finais					<b>X</b>	
Apresentação do TCC						<b>X</b>

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 20 mulheres, todas com filhos adolescentes entre 11 e 21 anos. Deste total, 17 respondentes foram somente às mulheres/mães e três mulheres foram entrevistadas junto com seus respectivos parceiros.

A maioria tinha entre 30 e 50 anos, procedentes de Arabutã e municípios vizinhos.

Perguntadas sobre religião, dez responderam serem evangélicas, seis luteranas, duas da Igreja Episcopal e duas católicas. Metade tem escolaridade entre séries iniciais e finais, seis possuem ensino médio (completo, incompleto e técnico), uma tem graduação e duas possuem pós-graduação.

Quanto ao trabalho, metade trabalha na agricultura,  $\frac{1}{4}$  trabalha como auxiliar de produção e/ou cozinheira, uma é dona de casa, duas são professoras, uma agente fiscal e outras duas empresárias. Com relação ao estado civil, uma delas é viúva, duas são solteiras, cinco divorciadas e as demais são casadas e/ou em união estável.

Para facilitar a discussão das Ideias Centrais, emanadas do discurso das entrevistadas, as perguntas foram divididas em duas grandes categorias: (a) Conhecimento das mulheres mães sobre educação sexual/sexualidade e (b) Contexto familiar da educação sexual.

Na primeira categoria surgiram quatro ideias centrais sobre as quais passo a discorrer:

### 5.1 Conhecimento das mulheres mães sobre educação sexual/sexualidade

A resposta à indagação sobre quando deveria iniciar a educação sexual deu origem a duas Ideias Centrais opostas que passo a discutir em conjunto.

#### **IC 1 – A educação sexual é necessária somente a partir da adolescência**

*É complicado fazer educação sexual, mas é necessária. Ela ensina o que deve ou não fazer, como se prevenir, para os filhos irem no caminho certo. Acho que os pais devem falar e aconselhar para os filhos, na adolescência como são as coisas, ensinando eles.*

## **IC 2 – A educação sexual é necessária desde a infância e já deve ser ensinada desde a escola**

*É uma matéria muito importante na escola e em casa. Tem que falar desde pequena, não adianta querer falar com 13, 14, anos que não adianta mais.*

Por muitos anos a sexualidade foi considerada como inexistente na infância, começando apenas a partir da puberdade, motivo que provavelmente deu origem a primeira Ideia Central presente no discurso das pessoas pesquisadas – a de que a educação sexual deva começar somente a partir da puberdade.

A partir dos estudos de Freud, os estudiosos constataram que a sexualidade está presente em todo o ciclo de vida humana. Neste sentido vários estudos, a exemplo do que apontam Almeida e Centa (2008), demonstram que a educação sexual deve ser iniciada desde a infância, para que desde cedo crianças e adolescentes cultivem hábitos saudáveis, tirem suas dúvidas e principalmente falem de questões pertinentes ao seu corpo e a própria saúde.

Saito (2001) acrescenta que a educação sexual deve ser adotada por todos os segmentos da sociedade, tendo como proposta fundamental a prevenção.

No contexto das famílias estudadas, não há consenso sobre o início ideal da educação sexual, como apontam as Ideias Centrais 1 e 2, havendo assim quem julgue que deva começar na puberdade e quem julgue que deva começar desde a infância. Importante destacar que na aparece no discurso da Ideia Central 2 a escola como parceira da educação sexual. Tal fato faz pensar em uma eventual abertura para que a escola se aproprie também desta função, em parceria com a família.

Segundo Souza, Fernandes e Barroso (2006), em nível escolar, as atividades referentes à educação sexual possibilitam a análise focalizando as crenças, mitos e tabus tanto por parte dos adolescentes como de seus pais. Ela não é necessariamente uma disciplina, devendo ser vista como um tema transversal da educação, pois como afirma Ribeiro:

A educação sexual deve começar quando a criança entra na escola, se desenvolvendo durante todo o período escolar. Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental (até ao 5º ano), a escola não deve estruturar horários específicos, com comumente ocorrem com as disciplinas curriculares. O trabalho junto a crianças deve acontecer no dia-a-dia, quando esta apresenta alguma curiosidade ou tem alguma atitude que o professor considere adequado intervir. (RIBEIRO, 1990, p. 5)

A ambiguidade constatada na fala das pessoas entrevistadas sobre a época ideal para se fazer educação sexual com os filhos acaba por gerar em muitas situações, na dúvida, a

ausência de orientações, prejudicando uma comunicação efetiva sobre sexualidade no ambiente familiar.

### **IC 3 – Muitas mães e pais não têm preparo para falar sobre sexo e sexualidade com os filhos, por isso é difícil**

*No meu tempo não se falava desses assuntos com os pais. A gente nem sabia como se fazia pra ficar grávida. Nem sabia o quer era sexo e nem mesmo como acontecia. A gente só ficou sabendo o que era sexo na noite de núpcias. Aprendia com amigos, irmãos mais velhos e lendo livros, revistas. Não tinha internet. Aprendi também na escola. Eu quando fiquei menstruada pela primeira vez nem sabia o que era aquilo. É difícil falar com filhos sobre sexualidade. A gente nem imagina que eles já procuram e já assistiram coisas. Só respondo o que é curiosidade. Não me sinto à vontade, mas explico para evitar que as coisas (principalmente a gravidez) aconteçam. Para mim é um constrangimento ainda, mas vou levando. Hoje em dia é natural, bem melhor que antigamente. Eu não preciso explicar muito: só falo vocês têm que se cuidar e eles já sabem né? O pouco que eu sei, aprendo em revistas, vídeos e TV e também a partir de minha experiência de casada. Em minha educação sexo sempre esteve ligado ao risco de gravidez e só.*

A IC 3 vai ao encontro dos estudos bibliográficos que apontam que na fase da adolescência das/os filhas/os muitas famílias sentem-se despreparadas para atender as exigências e dúvidas das/os mesmas/os por se acharem incapazes, tanto do ponto de vista do conhecimento/informação, como emocionalmente.

Em uma pesquisa fenomenológica realizada com famílias de adolescentes Dias e Gomes (1999, p. 93) também constataram que “o conhecimento sobre orientação sexual era limitado ou mesmo ausente nas mães e pais entrevistados”.

Por exemplo, eles acabavam passando as adolescentes uma idéia equivocada sobre anticoncepcionais (“Eu digo sempre prá elas, camisinha é só prá evitar doenças”). Contudo, não é apenas a falta de informação que afetava a comunicação. O tema da sexualidade parecia evocar sentimentos ambivalentes e um certo constrangimento de conversar (DIAS E GOMES, 1999, p.93)

De fato, conversar sobre sexualidade vai além da mera transmissão de informações. Como afirmam Dias e Gomes:

[...] Requer a transposição de barreiras, como idade e valores, em favor de uma proximidade que facilite a percepção do momento existencial do filho, mediada por mensagens que não sejam nem restritivas e nem permissivas. Implica a formação de uma aliança comunicativa na qual filho ou filha encontre espaço e apoio para o desenvolvimento psicológico. Contudo, muitos pais e filhos não conseguem estabelecer essa condição existencial para o diálogo, principalmente quando o tema é sexualidade. Os pais, quando conseguem abordar o tema, não encontram meios de desvincular-se de suas histórias pessoais, às vezes conflitadas, e limitam-se a oferecer ou impor conselhos superficiais (DIAS E GOMES, 1999 p. 79)

Neste contexto educação sexual não é tarefa fácil. Exige abertura no contexto familiar para o diálogo franco e sincero. No entanto, na realidade, nos deparamos muitas vezes com jovens que se sentem constrangidas/os para falar com as mães sobre sexo e sexualidade ou então com mães que, por sua vez não se sentem preparadas para tocar no assunto, seja por falta de conhecimento ou quando os têm, por vergonha nesta abordagem com filhos. “Muitas mães, quando conseguem abordar o tema, não encontram meios de desvincular-se de suas histórias pessoais, às vezes conflituosas limitando-se a oferecer ou impor conselhos superficiais” (Fleury, 1995). Este cenário leva, no dizer de Dias e Gomes (1999) a uma comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos marcada por uma ambiguidade em que ambas as partes reconhecem o problema, mas evitam enfrentá-lo, para evitar tensão familiar. Para Almeida e Centa:

Muitas vezes, os pais não sabem como agir diante das demonstrações da sexualidade de seus filhos, porque não é tarefa fácil aceitar e entender a maneiras de pensar dos jovens. É preciso rever preconceitos e estereótipos, entender as diferenças de ideias, uma vez que o crescimento dos filhos pode gerar conflitos e tensão familiar. (ALMEIDA E CENTA, 2008, p. 72).

Dias e Gomes (1999) destacam ainda que em muitas famílias:

O contexto em que se estabelecem as conversas entre pais e filhos sobre sexualidade é, em parte, constituído por recordações da vivência familiar dos tempos de juventude. Em suas lembranças, a descoberta e desenvolvimento da sexualidade ocorreu em um ambiente repressor, preconceituoso e obscuro. A família era a principal reguladora da sexualidade e as orientações eram indicações de proibições (DIAS E GOMES, 1999, p. 86)

No discurso presente nesta Ideia Central percebe-se ainda que as mães entrevistadas afirmam que não gostariam de repetir o modelo de orientação sexual recebido em suas famílias, ao mesmo tempo em que admitem que é o único modelo conhecido. Destaco que o modelo aprendido, na maioria das vezes, é pautado na imposição de padrões e na relação direta entre exercício da sexualidade e gravidez, ou seja, sexo e reprodução. Neste sentido, destaco aqui a afirmação de Dias e Gomes (2000) de que seja a mãe, o pai ou ambos, devem estar preparados para separar as memórias de suas experiências sexuais de adolescência e

mesmo seus problemas e anseios sexuais atuais, dos costumes e valores que contextualizam a vida das/os filhas/os.

O contexto em que se estabelecem as conversas entre pais e filhos sobre sexualidade é, em parte, constituído por recordações da vivência familiar dos tempos de juventude. Em suas lembranças, a descoberta e desenvolvimento da sexualidade ocorreu em um ambiente repressor, preconceituoso e obscuro. A família era a principal reguladora da sexualidade e as orientações eram indicações de proibições. As informações recebidas limitavam-se à explicação de regras de conduta e estavam apoiadas em valores que priorizavam a manutenção do sistema familiar. Esses pais não percebiam suas famílias de origem como disponíveis para oferecer informações sobre sexualidade. (DIAS E GOMES, 1999, p. 86)

#### **IC 4 – A camisinha é importante para prevenir doenças, mas pode estimular o início precoce da atividade sexual no jovem**

*A camisinha é forma mais próxima de acesso. É boa para doenças, mas dá mais liberdade e o jovem acha que pode ir com qualquer um. Tenho dúvidas se sua propaganda/distribuição incentiva o sexo ou previne, tipo recebi, vou usar.*

No discurso presente na Ideia Central 4, percebe-se o sentimento de ambiguidade entre querer orientar, mas temer incentivar a prática sexual.

Segundo Souza, Fernandes e Barroso (2004) as mães, embasadas na crença de que a conversa sobre sexo pode induzir a adolescente a praticá-lo, procuram preservar o silêncio sobre o assunto.

Acreditando que a filha adolescente não pratique relação sexual, os pais evitam discutir sobre sexo e ficam à espera de “algum sinal” que indique que a jovem descobriu a sexualidade. Entretanto, esse sinal pode surgir como produto de uma prática sexual desprovida de orientações ou baseada em informações inadequadas. (Souza; Fernandes; Barroso, 2004, p. 411)

De fato, o acesso à informação pode facilitar o início da vida sexual mais precocemente, uma vez que a/o jovem tem, pelo menos teoricamente, como evitar a tão temida gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, estudos como os de Jaccard e Duttis (1993) mostraram uma probabilidade três vezes maior de utilizar algum método contraceptivo adequadamente para jovens informados do que aquelas jovens que não recebiam nenhuma informação, pois como afirmam Souza, Fernandes e Barroso, (2006, p 409) “Diante do silêncio em casa, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes também imaturos, contribuindo, dessa maneira, para a prática do sexo de forma insegura.”

Soma-se, ainda, a influência da mídia nesse assunto, em especial a televisiva, que aborda a temática da sexualidade frequentemente destoada da realidade, sempre cheia de encantos, em que praticamente inexistem retratações das consequências do sexo desprotegido, sempre associando sexo apenas ao prazer, fazendo tudo parecer simples e natural. (OLIVEIRA; NASCIMENTO; JÚNIOR; CAVALCANTI; MIRANDA; ALCHIERE, 2015).

## **5.2 Contexto familiar da educação sexual**

**IC 1 - A educação sexual em casa deveria ser feita pela mãe e pelo pai, mas na prática este papel é sempre da mulher.**

*Deveria ser uma tarefa dos dois. Pelo certo os dois, mas o pai não ajuda muito e eu como mãe acabo ficando com esta tarefa.*

Das 20 entrevistas realizadas para este estudo, 17 foram respondidas pelas mães e três por ambos (pai/padrasto e mãe). Percebe-se no discurso relativo a esta Ideia Central um desejo, por parte das mulheres mães, da inserção/participação do pai na educação sexual das/os filhas/os, porém este desejo não é correspondido na medida em que elas, as mães têm assumido esta função.

Tal achado vem ao encontro de estudos como, por exemplo, o de Dias e Gomes (2000), onde as interlocutoras das conversas sobre sexo/sexualidade, quando ocorridas, eram as mães. O pai era visto como alguém não disponível para conversar. Ou seja, existe ainda a crença em um modelo tradicional de família de classe média no qual um adulto, geralmente a mãe, tem tempo livre e disposição/obrigação de educar. No entanto este modelo tradicional de família de classe média, não corresponde às condições de vida da maioria das famílias pobres, trabalhadoras, e está desaparecendo na própria classe média, com o ingresso das mulheres em ocupações remuneradas. (CARVALHO, 2004).

Este cenário, confirmado no discurso das entrevistadas, evidencia uma forte relação de gênero, na medida em que se entenda a educação sexual como um cuidado que, como todo o cuidado com os filhos, deve ser uma tarefa da mulher, por mais que mudanças venham ocorrendo na estrutura social e familiar, pois como argumenta Carvalho:

Sendo assim, são colocadas as mais pesadas expectativas sobre as mães, reproduzindo a assimetria de papéis sexuais e de gênero que faz recair sobre as mulheres toda a responsabilidade pela educação dos filhos, seja em casa ou na escola. (CARVALHO, 2004, p. 55)

## **IC 2 – Em casa, as conversas sobre sexo e sexualidade acontecem quando há dúvida ou quando filhas mulheres começam namoro.**

*Sei que deveria conversar mais. Ainda é um tabu este tema. Só falo quando perguntada. Então falo de vez em quando ou quase nunca. Ela tem namorado já, então precisa. E eu incentivo porque tenho medo que aconteça gravidez.*

Como pode se perceber não há, no cenário familiar, uma prática sistematizada de educação sexual, sendo, nas famílias entrevistadas, o namoro e a possibilidade de gravidez precoce o “gatilho” para que se comece a pensar em conversar sobre sexualidade o que vai ao encontro da afirmação de que:

Somente após a percepção tardia de que a filha adolescente começou a praticar sexo, a mãe passa a conversar com ela sobre esse assunto. Ainda assim, a conversa se restringe apenas a orientações superficiais sobre prevenção da gravidez. (SOUZA; FERNANDES; BARROSO, 2004, p. 411)

Garcia (2007) aponta que a educação sexual deve ser intencional e não pode focar apenas a prática sexual, nem tampouco a associação do sexo a ocorrências negativas, como gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, ignorando-o como fonte de prazer. A autora cita Bozon (2004) para argumentar que deixar de falar em sexualidade como fonte de prazer, ligando-a somente a aspectos negativos se constitui em um esforço para retomar o controle moral sobre a geração mais jovem. Para evitar a ocorrência deste controle citado por Bozon, a educação sexual é a ferramenta pela qual se pode discutir as questões relativas à sexualidade, buscando a promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Saliento a afirmação de Lima e Santos (2011) de que na vida de qualquer criança e adolescente os pais e a família são os primeiros grandes professores e os mesmos têm que estar preparados para as possíveis dúvidas na questão da sexualidade, pois eles serão os melhores referenciais e suportes para o filho adolescente.

**IC 3 – Seria bom ter ajuda dos profissionais de saúde e escola para falar com seus filhos sobre sexo/sexualidade.**

*Gostaria de ajuda da escola ou de pessoas mais experientes e entendidas porque tem muitas coisas que não aprendi e não sei. A escola já ajuda bastante quando tem palestra das enfermeiras. Escola e profissionais da saúde (ginecologista e/ou enfermeiras) podem ajudar bastante a esclarecer dúvidas sobre sexo e sexualidade. É um tema importante para ser trabalhado na escola desde que de acordo com cada idade.*

Como visto até aqui muitas mulheres e também homens foram educadas em um sistema repressor e preconceituoso com pouca ou nenhuma informação sobre sexo/sexualidade, onde as dúvidas não eram sanadas no contexto familiar. As informações eram obtidas através de revistas, amigas e colegas de escola, longe dos olhos dos pais (Dias; e Gomes, 1999). Destaque-se que muitas vezes, as/os filhas/os, seja através da mídia escrita e falada, ou da escola e amigos têm mais conhecimento que as próprias mães sobre a temática. Sendo assim, aquilo que, à primeira vista parece uma falta de vontade e/ou iniciativa é na realidade uma ausência de preparo para abordar temáticas de sexualidade.

O importante no dizer de Lima e Santos (2014) é que as mães devem estar atentas às transformações pelas quais os adolescentes passam, e abertos ao diálogo. Se lhes falta naturalidade para enfrentar o desafio, o ideal é que procurem ajuda de profissionais capacitados para orientá-los.

Na fala das entrevistadas, são reconhecidas a escola e os profissionais de saúde para estas orientações. Tal reconhecimento é importante para estimular tanto escola quanto profissionais de saúde a se empoderarem para abordar e desenvolver a educação sexual, sem medo de represálias por parte da família.

De fato, tanto a escola, quanto profissionais de saúde, em especial médicos e enfermeiros, são as pessoas que, fora do contexto familiar, devem ter conhecimento para trabalhar a temática da sexualidade. Ambos devem ter uma visão plural da sexualidade sem juízo de valores, respeitando as diferenças, ampliando visões e desmistificando tabus, preconceitos, crenças e atitudes discriminatórias.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação:

Propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que

a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elege como seus. (BRASIL, 2000, p. 300)

A parceria casa/escola é indispensável para uma educação sexual de qualidade e para tanto, é importante que o corpo docente busque qualificação para abordagem da temática da sexualidade, na certeza de estarem se apropriando de uma de suas funções.

#### **IC 4 – A educação sexual é muito importante na vida de uma adolescente.**

*Muito importante para não tomar atitudes erradas. Hoje em dia está tudo muito precoce e a educação sexual evita DST e gravidez precoce. Ajuda também a adolescente, a saber, o momento certo para começar a vida sexual.*

Apesar de ainda ligada fundamentalmente ao objetivo da prevenção de gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis, no discurso das entrevistadas fica claro o entendimento da educação sexual como necessária.

Como já dito, educação sexual vai para além de cuidados com a prática sexual e envolve vários aspectos do viver humano, pois como afirmam Saito e Leal:

Mais importante seja não basear a orientação sexual apenas no uso de preservativos e anticoncepcionais, mas, sim, no resgate do indivíduo enquanto sujeito de suas ações, o que favorece o desenvolvimento da cidadania, do respeito, do compromisso, do autocuidado e do cuidado com o outro. (SAITO; LEAL, 2000, p.44)

Esta visão é corroborada pela afirmação de Zucco e Garcia (2016) de que na educação sexual:

As temáticas trabalhadas devem incluir: as questões de gênero e identidade sexual; a diversidade sexual humana; a equidade de gênero; o respeito pela diferença e combate aos preconceitos e discriminação; a questão da imagem e valores associados ao corpo; construção de uma postura crítica frente aos padrões de beleza idealizados; transformações corporais da puberdade; mecanismo de concepção, gravidez e parto; os aspectos anátomo-fisiológicos da sexualidade; os diferentes métodos contraceptivos e seus efeitos nos corpos de mulheres e homens; o planejamento familiar/maternidade e paternidade responsável; entre outros, desvinculando a sexualidade dos tabus e preconceitos, afirmando-a como algo ligado ao prazer e à vida. Com este olhar, o enfoque das DSTs, por exemplo, deve ser na promoção da saúde e das condutas preventivas, ou seja, na desvinculação da relação estabelecida entre sexualidade, doenças e morte. No caso do HIV, a mensagem não deve ser a doença em si, mas sim a de que a AIDS pode ser

prevenida, assim como a discriminação social vivenciada pelas as pessoas que portam o vírus. (ZUCO E GARCIA, 2016, p. 62)

Escola e família são os pilares da educação sexual. Enquanto a mães e pais são os primeiros professores para educação sexual, é na escola aprendem sistematicamente, de forma intencional e planejada sobre as doenças sexualmente transmissíveis e os métodos de prevenção, entre eles a gravidez e suas implicações para o viver humano.

Neste cenário, tanto a escola quanto a família, têm a obrigatoriedade de guiar essa juventude para um caminho mais consciente, no qual ele solidifique o respeito pelo próprio corpo e pelo do/a parceiro/a. (LIMA E SANTOS, 2011).

### **IC 5 – A facilidade de informação e o excesso de liberdade estimulam a iniciação sexual de adolescentes**

*Os amigos que já iniciaram a vida sexual, os vídeos que assistem sem a gente saber, a curiosidade, as roupas mais sexy, as danças, tudo muito precoce, as drogas, álcool, a mídia, principalmente a TV, novelas, a internet, celular (que mostram tudo e aí eles querem experimentar) e a falta de limites hoje em dia, muita liberdade tudo isso ajuda os jovens a começarem a vida sexual antes do tempo. Namoros precoces, influência das amizades, sabem das coisas muito cedo e querem experimentar: adolescente gosta de correr perigo; o livre acesso a tudo, sites da internet que visitam e a gente nem sonha, vídeos que recebem no whats do celular, falta de ouvirem os conselhos dos pais. São mais corajosos que nós éramos na nossa adolescência, não têm medo do desconhecido.*

No discurso presente na Ideia Central 5, fica nítido que as mães reconhecem o contexto de maior liberdade das atuais gerações, o que em meu entendimento acaba gerando, como já dito, uma ambiguidade entre querer orientar sobre sexualidade, mas temer que esta orientação incentive.

É inegável que as famílias, de certa forma, estão dando aos filhos as facilidades que não tiveram, porém, muitas vezes essa liberdade vem acompanhada de pouco ou nenhum diálogo e informação, pois no dizer de Dias e Gomes (1999, p. 27) “a liberdade sexual não está se fazendo acompanhar de uma discussão franca e informada sobre o assunto.”

Segundo Cano, Ferriani e Gomes 2000 são muitos os motivos para a iniciação sexual precoce entre os jovens entre eles: solidão falta de diálogo com a família, cobrança de grupo de amigos, incentivo por meio da mídia e também por meio das redes sociais, além, da desestrutura familiar e da falta de informação. Essa iniciação sexual precoce vem acarretando

cada vez mais preocupação tanto para família, como para a escola e profissionais da saúde, principalmente em função do sexo inseguro. Segundo estes autores: “Essa banalização da sexualidade tem dificultado a tarefa de educar, de associar sexo a responsabilidade e promoção da saúde.” (CANO; FERRIANI; GOMES. 2000, p. 22)

Diante dessa realidade, a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protejam ao máximo sua iniciação sexual, tenha responsabilidade, autoestima e pratiquem sexo com segurança. (CANO; FERRIANI; GOMES 2000, p.22)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo identificar quais os conhecimentos das famílias de adolescentes do Ensino Médio do município de Arabutã-SC referente à educação sexual e as condutas adotadas por tais famílias para a educação sexual dos filhos.

Como pode ser observado ao longo da discussão, sexo e sexualidade são temas muito pouco abordados no cenário familiar de adolescentes deste estudo que através do diálogo com a revisão de literatura me permitiu chegar às seguintes conclusões:

Apesar de reconhecerem a importância da educação sexual, as mães não fazem educação de maneira sistemática; limitando-se quando muito a responder eventuais dúvidas, pautadas em sua experiência de vida e nas crenças, mitos e tabus que receberam em sua educação; O conhecimento sobre temas educação sexual era limitado ou mesmo ausente nas mães entrevistadas; No contexto familiar, não há consenso sobre o início ideal da educação sexual;

Apesar de desejar a participação do pai, a responsável pela educação sexual (quando ocorre) no contexto familiar é a mulher que, quando aborda a temática, tem dificuldade de desvencilhar-se de suas histórias pessoais;

As mães não gostariam de repetir o modelo de orientação sexual recebido em suas famílias, ao mesmo tempo em que admitem que é o único modelo conhecido; o que as leva a se sentirem despreparadas para atender as exigências e dúvidas das/os filhas/os por se acharem incapazes, tanto do ponto de vista do conhecimento/informação, como emocionalmente;

Na percepção das mães falar sobre sexo/sexualidade e contracepção pode estimular o início precoce da atividade sexual; A facilidade de informação aliada ao excesso de liberdade dos dias atuais estimulam a iniciação sexual de adolescentes;

O namoro de filhas mulheres é a fonte geradora da necessidade de se falar em sexo/sexualidade com os/as filhos/as adolescentes; As mães gostariam da ajuda da escola e profissionais da saúde (médico e enfermeira) para fazerem educação sexual para seus/suas filhos/as .

Como se pode perceber há um abismo entre o que se entende por educação sexual e as (raras) informações sobre sexo e sexualidade no contexto familiar, onde às mulheres se agrega mais um papel de gênero, na medida em que, mesmo que tenham parceiros, são as interlocutoras eleitas desta temática com as/os filhas/os adolescentes.

Ao admitirem a falta de preparo para trabalhar a temática e assumirem que gostariam de ajuda da escola e profissionais da saúde para tanto, deixam clara a necessidade de uma capacitação em educação sexual para as mães de jovens adolescentes.

Tal necessidade deve ser percebida pela escola, que além do trabalho educativo com jovens adolescentes, na certeza de que as mães são as primeiras professoras de suas/seus filhas/os, deve buscar desenvolver essa capacitação propiciando abertura no contexto familiar para o diálogo franco e sincero sobre sexo e sexualidade. Além desta capacitação a escola tem que assumir a educação sexual como um de seus papéis, buscando a parceria com a família para que nesta se desenvolva uma educação sexual de qualidade.

Ressalto aqui que é necessário que tanto profissionais da saúde como a escola se capacitem e empoderem-se para abordar e desenvolver a educação sexual, sem medo de represálias por parte da família.

Neste sentido concluo o presente estudo reconhecendo a importância de iniciativas como o curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, cujo presente TCC é uma exigência para conclusão, para capacitação de professoras/es do ensino médio e fundamental em Gênero, Sexualidade e Diversidades sexuais, étnico-racial e de deficiência no campo educacional.

Esta foi a minha leitura da realidade sobre educação sexual de jovens adolescentes no contexto familiar de uma comunidade agroindustrial de Santa Catarina. Deixo aqui o desafio para novos estudos, com outros olhares, outras populações e outras leituras sejam desenvolvidos, pois não há como negar que é no contexto da família que aprendemos desde crianças a ser/estar no mundo e as primeiras noções sobre sexo e sexualidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C.; CENTA, M.L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. ACTA. Toledo – PR, 2008 Disponível em: <<http://www2.unifesp.br/acta/pdf/v22/n1/v22n1a12.pdf>> Acesso em: 13/06/2016.

BOZON, M.. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental, Brasília: 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRÊTAS, J. R. da S; MUROYA, R. de L; SHIDA, L. Y; OLIVEIRA, J. R. de; AGUIAR JUNIOR, W. de. **A percepção de adolescentes sobre sexualidade**. Revista Mineira de Enfermagem 2007; 11(4). Disponível em: <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141527622007000400016&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141527622007000400016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 14/09/2016

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M.G.C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. Latino am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413>>. Acesso em: 02/11/2016.

CARVALHO, M. E. P. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. Centro de Educação e Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero – Universidade Federal da Paraíba – PA, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v34n121/a03n121.pdf>>. Acesso em: 15/06/2016.

DANTAS, G. C. S.. **Educação Sexual**; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/sexualidade/educacao-sexual.htm>>. Acesso em 13 de agosto de 2016.

DIAS, A. C. G; GOMES, W. B. **Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: percepção dos pais**. **Estudos de Psicologia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1999, 4(1), 79-106, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n1/a06v04n1.pdf?lsearch=%22a%20fam%C3%ADlia%20da%20adolescente%20gravida%22>> Acesso em: 15/06/2016.

DIAS, A. C. G; GOMES, W. B. Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. **Psicol. Reflex. Crit.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v.13, n.1, p.6-7;10-17, 2000.

FERRER, F. **Como educar la sexualidade em La escuela.** Barcelona: CEAC, 1992.

FLEURY, D. (1995). Gravidez na adolescência: difícil enfrentar essa barra. **Revista Crescer**, 18, 18-22.

FONSECA, H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. **Rev Adolescência e Saúde da UERJ.** Rio de Janeiro, V.1, n.3, p.6-11, set., 2004.

FREITAS, D. et al. **Caderno de Estudos Independentes.** Conversando sobre a Sexualidade Adolescente. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Centro de Educação a Distância – CEAD. 2ª ed. Florianópolis, 2004.

FREITAS, K.R.de.; DIAS, S.M.Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto e Contexto de Enfermagem.** Florianópolis, v. 19, n.02, p.351-7, 2010.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo.** Um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Educs, 2003.

GARCIA, O.R. Z. Sexualidades femininas e prazer sexual: uma abordagem de gênero. Tese de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2007.

GRAUPE, M. E; SOUZA, L.A.B. Gênero e Educação. In: GROSSI, Miriam; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Livro 2 – Módulo II- Gênero, diversidade sexual e religião; As diferenças de gênero no espaço escolar.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero // Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. p. Livro didático.

JACCARD, J., & DUTTIS, P. (1993). **Parent-adolescent communication about premarital pregnancy.** **Famílias em Sociedade**, 74(6), 329-343.

LIMA, N.J.F; SANTOS, J.C. A importância da educação sexual na adolescência. **Nativa**, Mato Grosso, vol. 2, n. 1, 2013.

MELO, S. M. M.; POCOVI, R. M. S. **Caderno Pedagógico I. Educação e Sexualidade.** Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Centro de Educação a Distância – CEAD. 2ª edição. Florianópolis, 2002.

OLIVEIRA, L. F. R; NASCIMENTO, E. G. C; JÚNIOR, J. M; CAVALCANTI, M. A. F; MIRANDA, F. A. N. e ALCHIERE, J. C. Adesão de adolescentes à camisinha masculina. **Revista de pesquisa cuidado é fundamental.** Edição jan/mar 2015. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Francisco\\_Miranda5/publication/270277295\\_Adesode\\_adolescentes\\_a\\_camisinha\\_masculina/links/54a55fc20cf267bdb9081e8e.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Francisco_Miranda5/publication/270277295_Adesode_adolescentes_a_camisinha_masculina/links/54a55fc20cf267bdb9081e8e.pdf)>. Acesso em: 31/10/2016.

Portal Arabutã. Disponível em <<http://www.arabuta.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/26220#.WDG9XLrLZ4>>. Acesso em 10/10/2016.

RIBEIRO, M.. Educação sexual – educação sexual e metodologia. 1990. Disponível em: <[http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sexual\\_Marcos%20Ribeiro.pdf](http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sexual_Marcos%20Ribeiro.pdf)>. Acesso em: 01/11/2016.

SAITO, M.I; LEAL, M.M. Educação Sexual na Escola. **Pediatria** (São Paulo) 2000, 22(1) : 44-48

SAITO, M. I. Adolescência, sexualidade e educação sexual. **Rev. Grupo Ed. Moreira Jr.** São Paulo – SP. Disponível em: <[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id\\_materia=1402&fase=imprime](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?id_materia=1402&fase=imprime)>. Acesso em: 14/06/2016.

SOUSA, L. B; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M.G.T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **ACTA**, Fortaleza – CE, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ape/v19n4/v19n4a07.pdf>> Acesso em: 13/06/2016.

VASCONCELOS, N. **Os dogmatismos sexuais.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

XIMENES NETO, F.R.G. et al. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v.60, n.3, maio/jun., 2007.

**APÊNDICE****APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA  
CEP.: 88040-970 – FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA**

Tel. (048) 3721-6440- e-mail: [nr@nr.usfc.br](mailto:nr@nr.usfc.br)

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado Educação sexual: análise do conhecimento, condutas e contexto de famílias de estudantes adolescentes do ensino médio de uma escola estadual desenvolvida pela aluna Laís Simon. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é coordenada/orientada por Laís Simon a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 049 84107438 ou e-mail [simon.lais@hotmail.com](mailto:simon.lais@hotmail.com).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais visa identificar quais os conhecimentos e condutas adotadas pelas famílias de estudantes adolescentes relativas à educação sexual.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas ficarão no anonimato e estão de acordo com as normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Estou ciente que a entrevista será gravada e transcrita pela pesquisadora com meu consentimento e que o acesso e a análise dos dados coletados se fará apenas pela pesquisadora e/ou sua orientadora com quem deverei entrar em contato caso tenha dúvidas ou me sinta prejudicado(a)..

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Arabutã, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Assinatura do(a) participante \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Formulário de Entrevista

Dados de identificação

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Procedência: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Estado civil: ( ) Solteira ( ) Casada ( ) Divorciada ( ) União consensual ( ) Viúva

Constelação familiar

N de filhos \_\_\_\_\_

Idade/sexo dos filhos \_\_\_\_\_

Quantas pessoas moram na casa? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Conhecimento sobre educação sexual/sexualidade**

O que você entende sobre educação sexual?

Como e com quem você aprendeu sobre sexo e sexualidade?

Como você se sente falando com seus filhos de sexo e sexualidade?

Onde você tira informações sobre sexo/sexualidade?

Que temas da sexualidade você conhece?

Você conhece métodos anticoncepcionais? Quais?

As informações que você recebeu interferiram na sua vida? Como?

O que você acha sobre o uso de camisinha?

Você acha que o jovem precisa de orientações em casa sobre sexo/sexualidade?

### **Contexto familiar da educação sexual**

Quem geralmente conversa e/ou tira as dúvidas dos filhos sobre sexualidade?

Você acha que esta é uma tarefa para mãe, para o pai ou de ambos? Por quê?

Você costuma ter conversas com seus filhos sobre esclarecimentos referentes à sexualidade?

De que forma estas conversas (orientações) acontecem? Você espera uma dúvida deles ou incentiva a conversa?

A orientação para os filhos e as filhas é a mesma?

Você gostaria de ajuda para falar com seus filhos sobre sexo/sexualidade?

Se você for buscar ajuda para falar de sexualidade com seus filhos onde procuraria?

Você acha importante trabalhar o tema sexualidade na escola?

Em sua opinião qual a importância de educação sexual na vida de uma adolescente?

Você acha que tem uma idade certa para iniciar a vida sexual?

O que você entende por homossexualidade?

Você acha que a sexualidade se desenvolve igual para todos os adolescentes?

O que você acha da gravidez na adolescência?

Como você encararia uma possível gravidez de sua filha ou da namorada de seu filho adolescente?

Como você acha que devem ser as instruções da família para uma adolescente grávida?

O que você acha que mais influência na sexualidade dos adolescentes?

Você acha que podem existir mídias que influenciem a sexualidade dos adolescentes?

A iniciação sexual acontece cada vez mais cedo, por que você acha q isso acontece?